

# Belo Horizonte

em verso e prosa



N.Cham. B869.1 B452 2008

Título: Belo Horizonte em verso e prosa .

**LETRAS**

B869.1

B452

2008



346061006

493553



a tela  
e o texto

1000.1  
B74  
2008

# Belo Horizonte em verso e prosa

Maria José de Castro Alves  
Coordenação da Linha Editorial  
*Tela e Texto*

Maria Antonieta Pereira  
Rubens Rangel Silva  
Coordenação Geral



a tela  
e o texto

Belo Horizonte – 2008

PROGRAMA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO  
*A TELA E O TEXTO*  
Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais  
Telefone (31) 3409-6054  
telatexto@ufmg.br  
www.lettras.ufmg.br/atelacotexto  
Registro SIEX no. 10.416  
Registro na Biblioteca Nacional n°. 7758  
Registro no INPI 20040B900086

U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



346061006

NÃO DANIFIQUE ESSA ETIQUETA

493553

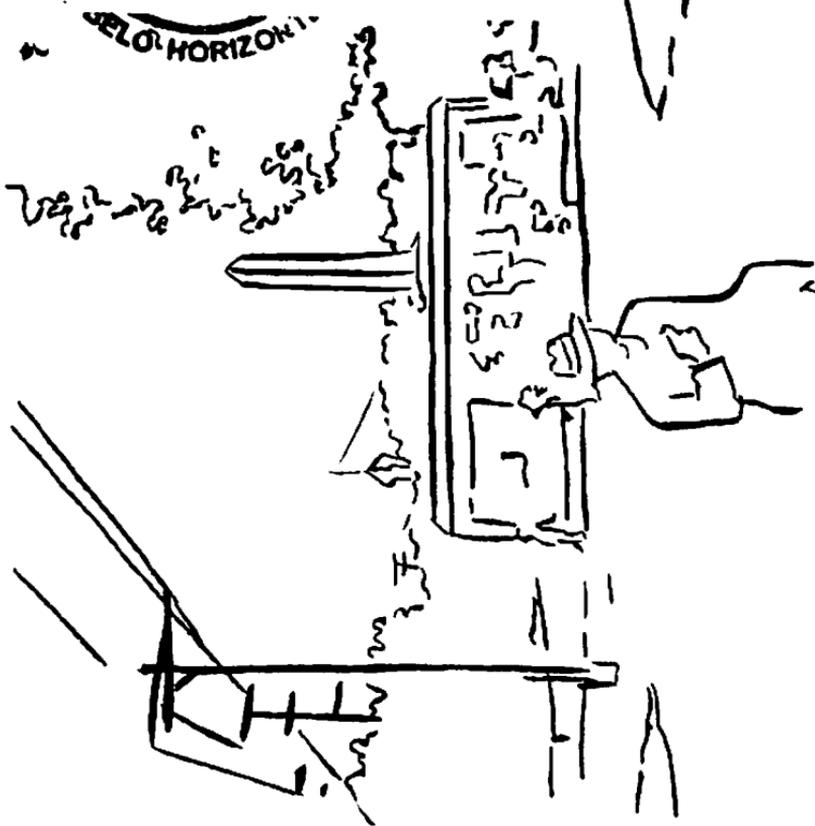
Faculdade de Letras

11

Biblioteca Universitária

17 / 08 / 2010

3460610-06



Mariana Parzewski Neves - Praça 7

## Caro(a) leitor(a),

O Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão *A tela e o texto*, da Faculdade de Letras da UFMG, por meio da Linha Editorial *Tela e Texto*, já lançou seis livros em formato bolso. Os títulos são: *Poesia, Prosa, Presente Poético, Crônicas em rede, Lendas e mitos do Brasil e Histórias dos Evangelhos*. O objetivo principal dessa iniciativa é divulgar a Literatura Brasileira, por meio da publicação de livros a baixo custo (R\$ 1,99), ajudando a oferecer ao cidadão mais oportunidades de boa literatura.

A partir da sugestão do escritor Jorge Fernando, que contribuiu na coleta dos primeiros textos deste livro, e após um cuidadoso trabalho de organização, o Programa *A tela e o texto* tem o prazer de apresentar-lhe seu mais novo livro: *Belo Horizonte em verso e prosa*. Para este livro, a Linha Editorial *Tela e Texto* convidou diversos autores a comporem uma seleção de textos cujo tema é uma homenagem poética à cidade de Belo Horizonte.

Belo Horizonte aparece retratada por

meio de crônicas e poemas que, debruçados sobre a capital, falam um pouco de sua vida, seu cotidiano e seus hábitos – alguns saudosos, outros mais audaciosos – no desejo de expressar o amor pela cidade.

O lado poético de nossa capital, mesmo com a correria de seu cotidiano, é captado e expresso em "Poética", de Gilbert Daniel. A alegria dos costumes preservados, mesmo com o dinâmico crescimento urbano, floresce em "Capital humanizada", de Bilá Bernardes. Os espaços alternativos, percorridos por uma geração ávida, em busca de sonhos, são retratados na crônica "John Goes, Bells", de Sérgio Fantini. Um panorama geral do equilíbrio entre o antigo e o moderno compõe a crônica de Luís Giffoni. A presença de todos os povos e a herança cultural da capital mineira são a matéria do texto de Jorge Fernando. Enfim, são esses alguns dos olhares poéticos, entre tantos, que pousam sobre a cidade de Belo Horizonte.

No endereço eletrônico [www.letras.ufmg.br/atelaetexto](http://www.letras.ufmg.br/atelaetexto), há mais informações sobre o projeto de livros a baixo custo e sobre o Programa *A tela e o texto*.

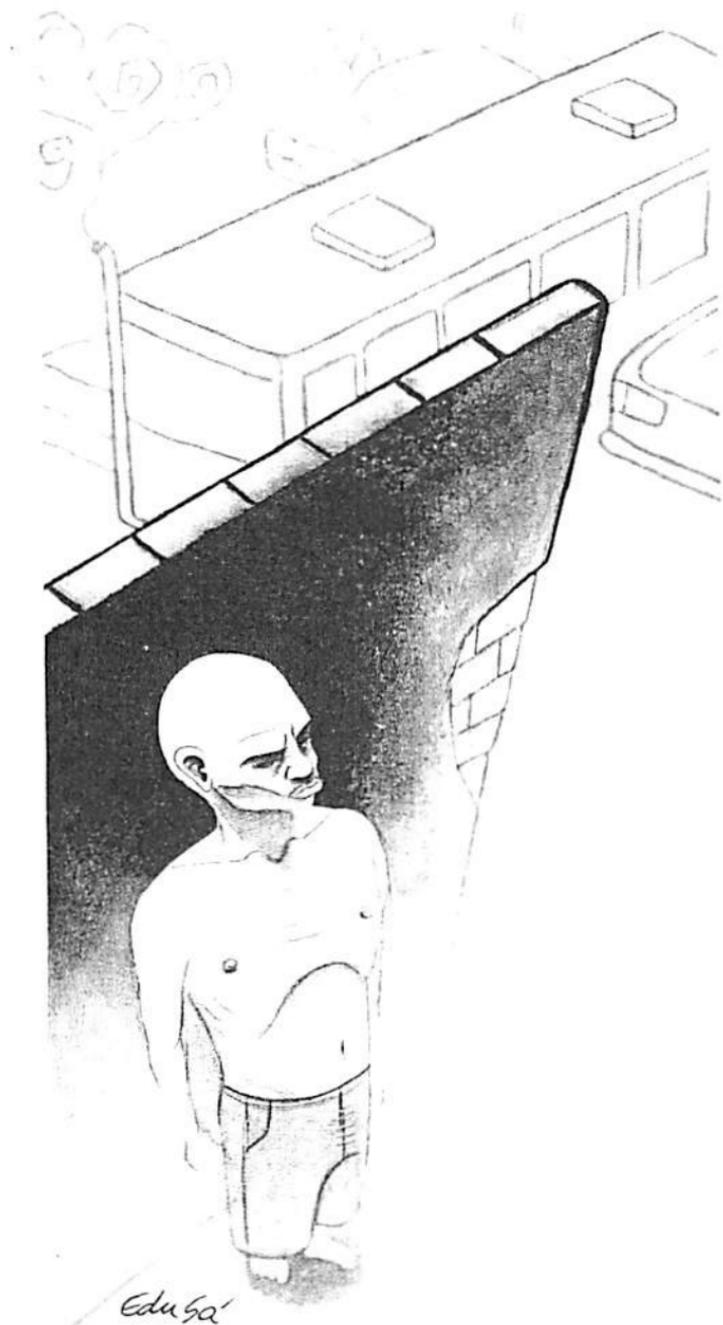
Desejamos a você uma boa leitura e contamos com sua colaboração na divulgação deste trabalho.

Equipe da Linha Editorial *Tela e Texto*  
Abril de 2008

## SUMÁRIO

<b>Cenas urbanas</b>	<b>09</b>
<i>Haicais de Jorge Fernando dos Santos</i>	
<b>Belo Horizonte</b>	<b>12</b>
<i>Rejane Helena Alves</i>	
<b>Poética</b>	<b>14</b>
<i>Gilbert Daniel</i>	
<b>Contorno</b>	<b>15</b>
<i>Stela Soares</i>	
<b>Maravilhas mineiras</b>	<b>17</b>
<i>Luis Alberto</i>	
<b>Pampulha</b>	<b>19</b>
<i>Ronald Claver</i>	
<b>Cidade dos horizontes</b>	<b>20</b>
<i>Suziane Carla Fonseca</i>	
<b>Curral Del Rei</b>	<b>22</b>
<i>Ronald Claver</i>	
<b>Capital humanizada</b>	<b>23</b>
<i>Bilá Bernardes</i>	
<b>Braços abertos</b>	<b>26</b>
<i>Bilá Bernardes</i>	

<b>Belo Horizonte no espelho do tempo</b>	<b>28</b>
<i>Ronald Claver</i>	
<b>Sonho do parque</b>	<b>31</b>
<i>João Fábio</i>	
<b>Os meninos da pelada</b>	<b>33</b>
<i>Edward Ramos</i>	
<b>Uai, sô!!! Não é que é mesmo?!</b>	<b>36</b>
<i>Marília do Nascimento Alcanjo</i>	
<b>Onde estão as joaninhas?</b>	<b>39</b>
<i>Ulisses Rodrigues Vieira de Souza</i>	
<b>John Goes, Bells</b>	<b>44</b>
<i>Sérgio Fantini</i>	
<b>O mundo num dedal</b>	<b>49</b>
<i>Luis Giffoni</i>	
<b>Povos de todo o mundo</b>	<b>53</b>
<i>Jorge Fernando dos Santos</i>	
<b>Amando em Belo Horizonte</b>	<b>57</b>
<i>Adriano de Moraes</i>	
<b>Sobre os autores</b>	<b>59</b>



## Cenas urbanas

Buzinas e apitos  
motores e britadeiras  
música concreta

Buraco na rua  
ferida aberta no asfalto  
pele da cidade

Trem de ferro apita  
chorando as mágoas  
do maquinista

Manequins miram  
manequins na vitrine  
espelho às avessas

Menino viciado  
em cola de sapateiro  
tem os pés descalços

Cai o temporal  
o rio brinca de mar  
no mangue das ruas

Olha a sorte grande!  
Vendedor de loteria  
vende o que não tem

Vem a passeata  
serpente de mil cabeças  
um só pensamento

Ergue-se o Boeing  
no oceano de ozônio  
Peixe prateado

Postes da avenida  
cruzes iluminadas  
no calvário da noite

Espinhas de peixe  
parabólicas ligadas  
na onda da novela

Sobre a capital  
brilha a moeda de prata  
lua capitalista

**Haicais de Jorge Fernando dos Santos**



Adriano Paulino

## Belo Horizonte

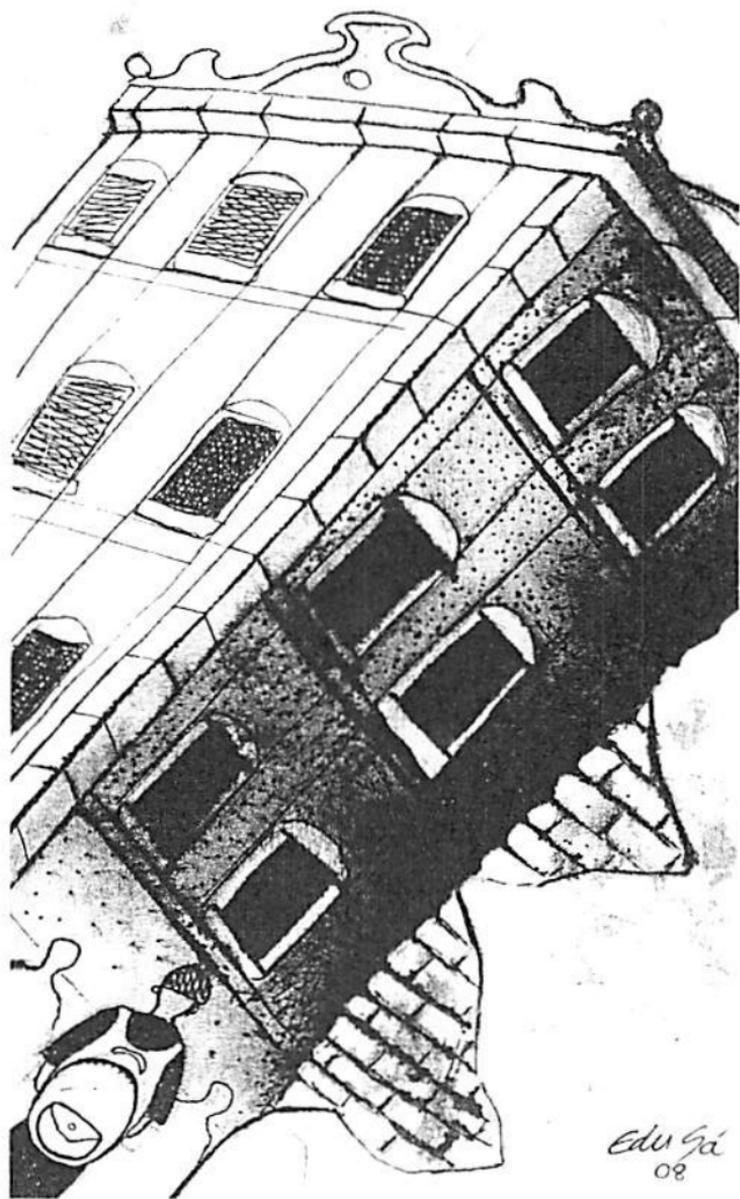
Belo aqui, belo adiante  
De um horizonte gigante  
Um solo que acolhe a gente  
Vinda de terra distante

Mãe de grandes inteligências  
Aqui floresce as competências  
Que levam seu nome avante  
E retratam sua imagem brilhante

De formação secular  
Preserva seu caráter singular  
Acolhendo o seu visitante  
De uma maneira peculiar

Parabéns aos belorizontinos de coração  
Construtores do progresso desse chão  
Que persistem no caminhar  
Em busca da consagração.

*Rejane Helena Neves*



Edu Gá  
08

## Poética

A poesia espalhada pelo mundo  
pelo horizonte  
tão evidente  
na bala colorida  
no obelisco da Praça 7  
nos prédios cheios de vidas humanas  
na multidão  
nos elevadores com cheiro de mofo  
nos automóveis parados no semáforo  
a poesia está nas gentes  
não só em livros de poemas  
sobretudo  
aqui  
entre elevados e nuvens  
avenidas e sorrisos  
a poesia é o sentimento

*Gilbert Daniel*

## Contorno

Entre laços e linhas  
Retas e curvas  
Os limites da cidade  
Ultrapassam a visão

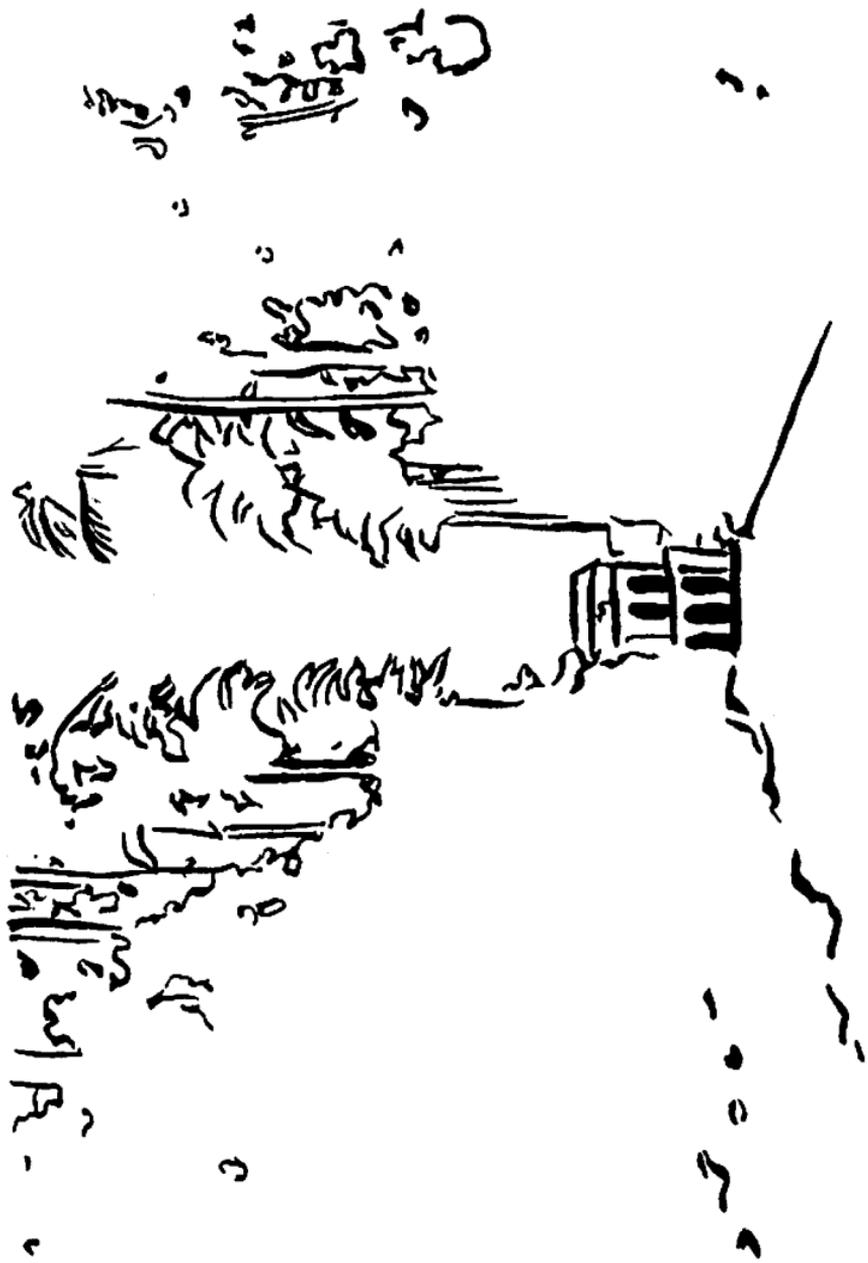
*Stela Soares*

UFMG - Faculdade de Let.

BIBLIOTECA



Mariana Parzewski Neves



Mariana Parzewski Neves – Praça da Liberdade

## Maravilhas mineiras

Como é linda a Liberdade  
Nesta praça, domingo à tarde  
Crianças brincando  
E namorados se beijando  
Em pouco tempo nos esquecemos  
De todos os problemas que temos

E no mirante sempre dá pra ver  
O horizonte mais belo que se pode ter  
Oh! Cidade radiante  
Com belezas exuberantes  
Grande Minas Gerais  
Maravilhosa por suas belezas naturais  
Que sua alegria não acabe jamais  
E nós mineiros sentirmos o orgulho  
Em dizer Uai.

*Luis Alberto*



## Pampulha

A lagoa é a ilha da cidade do belo  
horizonte.

A lagoa é cercada por Juscelino,  
Guignard, Niemeyer, Lúcio Costa, José  
Pedrosa, Portinari, Ceschiatti, Burle  
Marx, Zanoisk, São Francisco e Iemanjá.

A lagoa é ilhada por bares, boates, botes,  
Bêbados e bancos  
Bichos e bichas  
Drinques, draivins, motéis, jardins  
Lanchas e lanches  
Casarões, quartéis, mansões  
Dragas, drogas e docas  
Branços & brancos

A lagoa é aberta ao povo, aos pobres, aos  
pretos, para pescar e pegar xistose.

*Ronald Claver*

## Cidade dos horizontes

Ontem em tuas ruas arborizadas  
Ouvia-se o canto dos pássaros.  
E por esses caminhos, vozes de uma época  
De outros costumes e amores.

Em dias de sol, luvas e sombrinhas na mão  
No elegante passeio de bonde.  
Reencontro de amigos, conversas triviais  
Nos bares e esquinas de toda a cidade.

Ao cair da noite, a boemia vagava pelas ruas  
Do Santa Tereza, da Lagoinha,  
Até o raiar de um novo dia.  
Uma música ressoava suas últimas notas.

Como redoma, nos arredores as montanhas  
Davam os ares da tradição e das letras.  
E a Pampulha e o Parque  
Beleza ao coração.

Fragmentos de um cotidiano,  
Pedaços de uma cidade  
Lembrados com saudades...  
Por quem hoje é avô, mas um dia foi criança.

O bonde já não passa,  
Seus rastros podem ser vistos.  
O coreto da Praça permanece no mesmo lugar,  
A banda de música toca para outros casais.

E assim a cidade foi crescendo,  
Perdeu alguns horizontes, ganhou outros cenários.  
O concreto floresceu juntamente com os espigões,  
E os ficus da Avenida estão plantados na memória.

A vida transformada.  
A tranqüilidade não é a mesma,  
Os vizinhos não são os mesmos,  
Alguns partiram, outros se esqueceram.

Ao entardecer,  
Ao anoitecer,  
Ao amanhecer de outras esperanças  
Ainda um belo horizonte!

*Suziane Carla Fonseca*

## **Curral Del Rei**

Era uma vez uma montanha que rodeava a cidade  
A montanha que rodeava a cidade  
era cada vez mais uma vez  
Uma vez a montanha que rodeava a cidade já era.

Curral del Rei era o nome de Belo Horizonte  
Um dia o rei foi embora e o curral virou serra  
A Serra do Curral tinha um horizonte belo  
Os homens acharam que horizonte é palavra bonita  
E multinacionalmente levaram o substantivo e a  
serra.

O trem que leva o minério de Minas para o Rio  
É um trem igual aos outros que levam o minério  
Um pouco da paisagem, do ar e da brisa.  
Um trem igual aos outros vai levando o minério  
A paisagem, o ar, a brisa de fim de tarde e um pouco  
Do Horizonte ainda Belo.

*Ronald Claver*

## Capital humanizada

Morar na capital  
sentir-me no interior

Morar na capital  
ser reconhecida  
reconhecer  
pessoas que passam  
pelas ruas

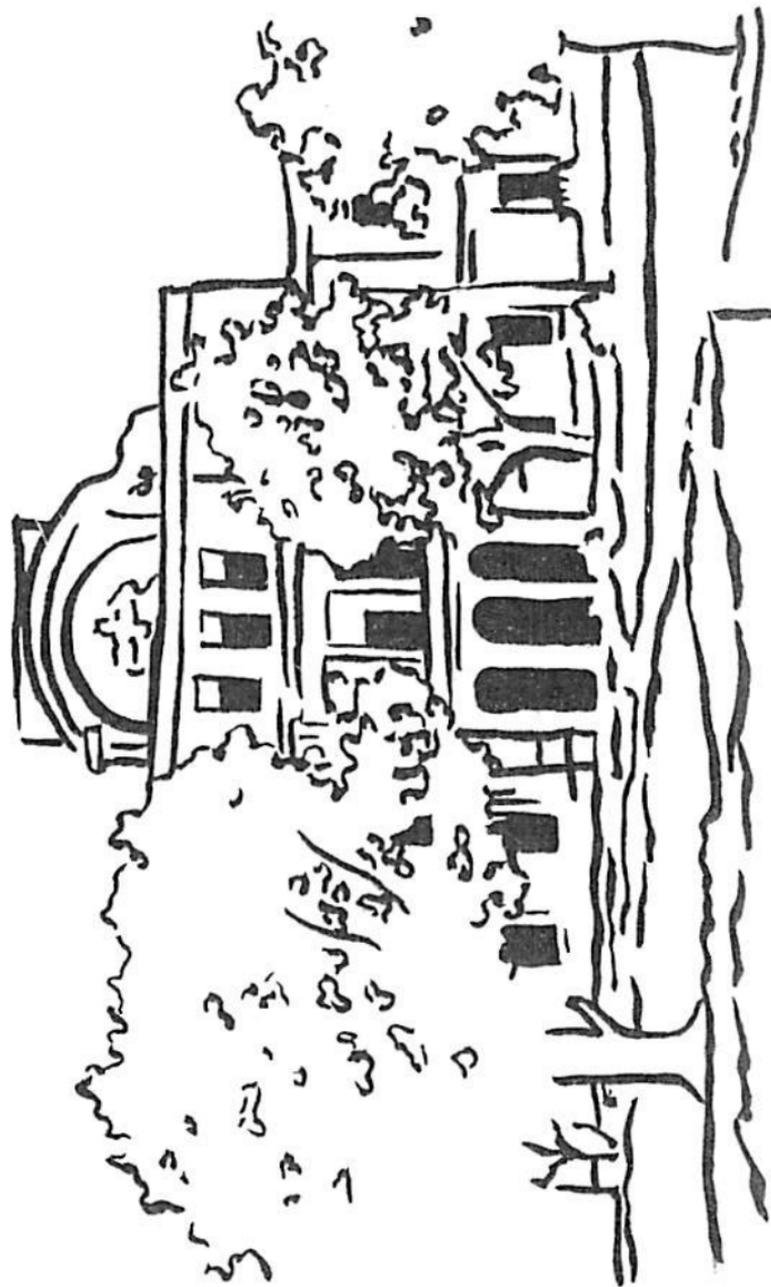
cumprimentar e conversar  
perguntar pela saúde da avó  
pelo rendimento escolar do filho  
dar notícias do senhor da esquina  
que passou mal  
mas já melhorou

Morar na capital  
e encontrar a casa dos amigos  
sem saber o número ou  
o nome da rua

Morar na capital  
e ter como referência  
de localização  
um sinal  
(mais que mapas e plantas)  
pessoas e lugares comuns:  
mercado, farmácia,  
banca de revistas  
a lanchonete onde  
se faz suco de açaí  
próxima ao Banco onde o gerente  
se chama Jaci

Ainda é assim a BH dos mineiros  
que se recusam a ser  
engolidos e mecanizados  
pela modernidade  
na metrópole que cresce  
ligeira  
Mantêm a cidade  
a serviço dos seres humanos,  
faceira.

*Bilá Bernardes*



Mariana Parzewski Neves – Secretaria de Educação/ Praça da Liberdade

## Braços abertos

Olha moço  
que bela cidade  
se descortina  
à frente de nossos passos.  
Parece menina!

Depois da chuva  
livre do pó  
a cidade remoça.

Veja as pessoas  
caminhando  
tranqüilas.

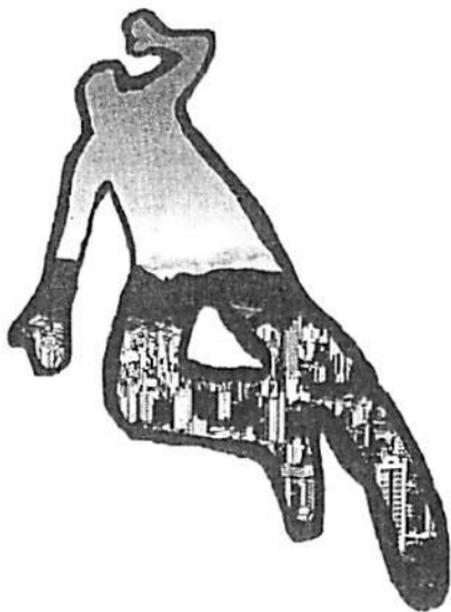
Não é dia de trabalho.  
Alguns trabalham  
ambulando  
suas mercadorias  
próximo à rodoviária.

Não há pressa  
o dia é longo.

Quase deserta  
a cidade recebe  
o visitante  
e o habitante  
que regressa  
à capital.

Belo Horizonte  
recebe  
de braços abertos.

*Bilá Bernardes*



## Belo Horizonte no espelho do tempo

Belo Horizonte fez 100 anos. O campo do América, na saudosa e querida Alameda, não é um retrato na parede. Não há parede, nem retrato. O campo do Atlético: memorável e inesquecível. Estádio Antônio Carlos: tornou-se um esqueleto vertical de lojas luminosas e nenhuma bola. O campo do Cruzeiro: Juscelino Kubistchek de gostosas recordações, se horizontaliza em piscinas e comércio.

E o campo do Monte Castelo, do Atlético suburbano, do Paulistano e tantos outros? São palcos ociosos na memória da cidade. São paisagens diluídas em espetaculares avenidas e portentosos conjuntos habitacionais.

A cidade cresce como rosa dos ventos. É preciso pegar o tempo pela mão e trazê-lo para o coração da cidade. Em vez de ligarmos a TV, ligaremos a lua e a imaginação. Brincaremos de bente-altas, finca, nego fugido, bolinha de gude. E quando a noite chegar com seus olhos de veludo é hora do passa-anel, da

roda, da quadrilha. E quando o escuro da noite se incorporar ao outro lado da lua, é hora de ouvirmos histórias de assombração e dormir em doce pânico.

Belo Horizonte fez 100 anos e a Serra do Curral, embora fragilizada pela especulação e ganância, espera o reencontro de sua cidade com as coisas do coração.

*Ronald Claver*



## Sonho do parque

Avenida dos Andradas. Calçada ao lado do Parque Municipal. No gradeado, barraquinhas de camelô. Um amontoado de sonhos, pipocas, balas, pirulitos. Garrafão imundo num canto da mesa improvisada, flanela no outro. E cigarro picado. Mas, principalmente, sonhos. O dono, senhor já cinquentão, cara de aposentado, na visão de um estudante do Imaco.

Nas idas e vindas da rotina no colégio, sempre a mesma cena e um sossego do camelô que, às vezes, recebia visitas de “conhecidos” que compravam o cigarro picado. Impressionante como eu era observador (e ainda o sou!). Nenhum contato, fora a compra de dois ou três pacotes de pipoca doce depois da aula.

Observando um pouco mais, não que fosse o único espectador, mas apenas um entre os vários da avenida, no gradeado do parque, justamente próximo ao meu ponto de ônibus: o camelô, com seus sonhos. Descobri até o

“calmante” (cacetete de guarda do parque) embaixo.

Engraçado como somos possessivos. O ponto era meu. O ônibus esperado era meu. O camelô, do ponto; aliás, do parque. Talvez, para mim, aquela banca fosse menos do homem que do próprio local.

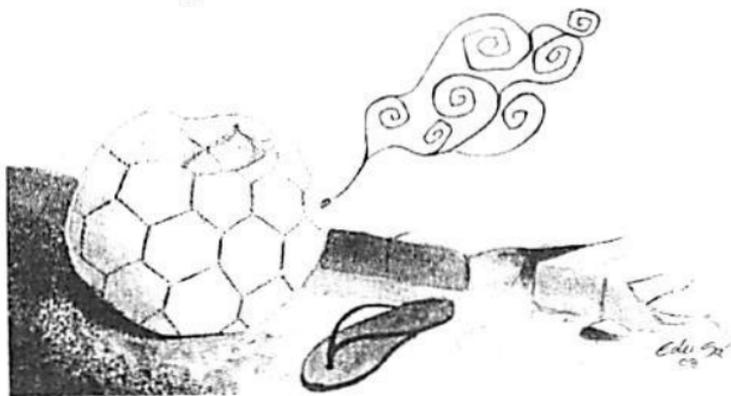
O certo é que, entre as várias tardes das quais passei no Parque Municipal, onde havia essa figura que considerava patrimônio de imaculada freqüência no René Giannetti, recordo-me de uma que ficou especialmente marcada. Talvez mais em mim que na visita que tomou uma pinga do garrafão imundo, com copo de adjetivo comum, que se desentendeu com o dono dos sonhos e levou algumas bordoadas do “calmante”. Os carros continuaram a passar. Depois de alguns minutos, os transeuntes já haviam se renovado. Em alguns instantes, peguei meu ônibus. No dia seguinte, no mesmo horário, tudo voltaria. O “calmante”... calmo. Tudo parecia um sonho.

*João Fábio*

## Os meninos da pelada

Quem viveu no bairro Urca até o final da década de 80 deve se lembrar muito bem dos meninos da pelada. Havia os da manhã e os da tarde, de acordo com o horário de aula. Sábados e domingos, e também durante as férias, eles realizavam verdadeiros clássicos em via pública. Esses jogos eram festas organizadas pelos próprios meninos: nada de “amigos da criança”, conselhos de não-sei-o-quê, instituições beneficentes, ONGs ou qualquer outro órgão público cuidando da organização. Muito menos apoio desse ou daquele candidato a vereador.

O campo de pelada tinha a largura da rua, ficando “padronizado” à medida que o asfalto chegava ao bairro. Pares de chinelo ou



pedras representavam as traves laterais. O lugar do travessão, imaginário, dependia da envergadura de cada goleiro, ou seja: um ficava normalmente mais alto que o outro e não havia o menor problema!

Essa despreocupação com os padrões atingia o extremo nos jogos do Alvorada, time da Rua Marquês do Paraná, cujo goleiro, por ser uma pessoa com deficiência, jogava sentado. E a regra era a mesma: bola acima do que a sua mão poderia alcançar era alta. O gol não valia.

Os carros reduziam a velocidade e os pedestres subiam para a calçada ou aguardavam o grito de “pare-bola”, que era o sinal verde, a permissão para que o campo de pelada pudesse servir de passagem. Muitas vezes os adultos ficavam impacientes, mas esperavam, pois os meninos dominavam a rua.

Acaloradas discussões decidiam se um chute “foi por cima ou por fora da trave”, ou mesmo se “foi gol”. Não era necessário juiz, pois as argumentações, as reproduções do lance, a reconstituição da trajetória da bola e, em último caso, empurrões decidiam sobre a validade do tento, e o jogo seguia normalmente.

Cada rua do bairro tinha seus times,

sua dinâmica, seus horários. Muitos desses meninos tiveram futuro brilhante nos saudosos times de várzea da região.

Por que não temos mais meninos da pelada? Essa pergunta me perseguiu por algum tempo. Sempre fiquei horrorizado quando senhores e senhoras muito bem intencionados diziam: “tem que fazer alguma coisa pra tirar os meninos da rua”. Agora os parabenizo, atingiram seu objetivo. Nas ruas da Urca não há mais algazarra de meninos-jogadores. Servem somente para o trânsito.

Onde estão os meninos? Bem, hoje pela manhã, vi um grande número deles que permitiria compor dois times e mais um “de fora”. Estão protegidos do tráfico, de brigar na rua, das discussões sem juiz. Estão protegidos do risco de martelar o dedo na construção de troféus de madeira. Estão protegidos da dificuldade de tomar decisões em grupo sem um adulto para “orientar”, de aprender a trabalhar em equipe, de lidar com as divergências. Seguem resguardados da luz do sol, pelas portas negras de um lugar cujo nome aparece em inglês: *lan house*.

*Edward Ramos*

## Uai, sô!!! Não é que é mesmo?!

Eduardo, um mineiro nato, que residia na Capital, estava ansioso com a chegada de seu amigo Fernando, que vinha do Rio de Janeiro. Fernando era um rapaz viajado, conhecia as principais capitais de todo o Brasil e agora, de malas prontas para o exterior, despedia-se dos melhores amigos.

Fernando trouxe a noiva para conhecer a capital mineira e o amigo Eduardo.

Eduardo, orgulhoso da amizade de Fernando, se constrangia sempre que o chamava de “meu amigo mineirinho”. Não gostava nem de imaginar que fazem dele uma imagem de caipira contador de causos engraçados. Pior ainda: talvez o comparasse ao grotesco Zé Buscapé, com aquele sotaque carregado, cachimbo no canto da boca, preguiçoso e resmungão.

Todos se esquecem do contraste da Capital e por isso, sempre que podia, Eduardo viajava para conhecer gente inteligente, lugares interessantes e paisagens encantadoras. Desta forma, podia fugir e esquecer um pouco da

capital dos mineirinhos, com seu linguajar cheio de cacoetes e de piadinhas que, para ele, eram de péssimo gosto.

Durante um bate papo aconchegante e falando sobre viagens, o amigo disse que havia se lembrado de trazer o álbum com as fotos dos lugares mais atraentes vistos por ele, os quais gostaria de rever e, ao mesmo tempo, mostrá-los à noiva.

Eduardo, visivelmente espantado, percebeu que havia várias fotos de Belo Horizonte no álbum. Fernando mostrava os lugares à noiva tão entusiasmado que parecia até um guia turístico: a Casa do Baile, Iate Tênis Clube, a Igreja São Francisco de Assis, o estádio Governador Magalhães Pinto, conhecido pelo carinhoso nome de "Mineirão", o estádio Jornalista Felipe Henriot Drummond, popularmente conhecido como "Mineirinho", o Museu de Arte da Pampulha, o Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado, o Mercado Central, o Parque Municipal Américo Renné Gianneti, a Serraria Souza Pinto entre outros belíssimos teatros parques e praças.

Eduardo ficou constrangido. Além das belas fotos, Fernando repassava à noiva informações que nem ele mesmo conhecia ou

sabia: motivos das construções, responsáveis políticos, datas, entre outros conhecimentos geográficos e históricos.

Fernando reforçava a todo momento que ele, Eduardo, deveria estar cansado de admirar a beleza e encantos desta tão Belo Horizonte.

Diante dos reflexos de luzes coloridas sobre as águas da Lagoa da Pampulha, Eduardo, sem perceber e com ares de mineiro, resmungou instintivamente pelo canto da boca: “Uai, sô!!! Não é que é mesmo?!”

*Marilia do Nascimento Alcanjo*

## Onde estão as joaninhas?

Há uns quinze anos, Belo Horizonte conservava algumas peculiaridades que a tornavam uma cidade mágica pra mim. Minha casa também. Lá havia uma cerca viva de ora-pro-nóbis e nossos vizinhos colhiam as folhas dessa planta pra engrossar a bóia. A cerca não era só viva, era vital. E muito mais eficiente que um muro, pois além de dar o pão, se necessário, espetava. Ninguém se atrevia a invadir nosso lote. Não que houvesse algo pra roubar. Naufragávamos no plano Collor, só que nossa embarcação era grande, repleta de verde e de toda espécie de bichos. Alguns imaginários, outros reais.

Não me lembro a primeira vez que vi o nosso terreiro. Minha mãe conta que descemos em direção à casa a escorregões, junto com guarda-roupa, cama e toda nossa mudança. Chovia muito. O terreno é íngreme e, na época, era de terra.

Mas tenho guardado em minha memória muitas outras coisas. As borboletas, por exemplo, uma infinidade de cores que dias

antes eram lagartas a sapecar o couro da gente e, logo depois, lindas feiticeiras que nos atraíam com seu vôo lento, praticamente um balé aéreo que os nossos olhos acompanhavam em êxtase, aceitando, sem hesitação, o convite para aquela dança. Era a metamorfose ao alcance dos olhos e algumas ainda tinham a capacidade de se camuflarem nos troncos das árvores. Isso só podia ser feitiçaria! Como a do vaga-lume!

Além desses seres, hoje quase mitológicos, havia outros bichos que nosso pai ou nossa compaixão trazia para casa. Um em especial marcou nossas vidas: Filó, uma cadela diferente de qualquer outra. Tenho a impressão de que tinha alma de gente. Não podia ver a gente brincando lá em cima que vinha toda eufórica querendo participar também. Subia por uma escada de madeira dessas que ficam apoiadas na parede e que você precisa usar as mãos e os pés com firmeza para não cair e ela tinha acesso à laje. Mas não era isso que a tornava diferente. Era seu olhar que refletia todas suas intenções e seus sentimentos, sendo às vezes até dissimulado. Acho que deveríamos ter colocado o nome dela de Capitu.

A lista de animais que já dividiram o

quintal com a gente é grande. Coelho, pato, marreco, porquinho da índia, galinha, cabra, periquitos e algum outro que eu possa ter me esquecido eram nossa companhia diária. E a maioria tem alguma história peculiar. Para finalizar esta parte da fauna, fico com a imagem do parto da cabra. Ali na minha frente, sem cerimônia, ela despejou uma cabritinha no chão, que aos poucos foi se equilibrando, até alcançar as tetas da mãe. *Discovery Channel* de graça e ao vivo!

Não tenho muito conhecimento sobre plantas. A única coisa que sei é que a flora do meu lote era exuberante e perigosa, pois nela habitavam alguns bichos desconhecidos que davam as caras ao pôr-do-sol. Resumindo, morria de medo de ficar lá à noite, mas durante o dia não tinha coisa melhor. Eu ficava literalmente de galho em galho, do pé de manga pro de abacate e depois pro de jatobá. Adorava pegar a manga do galho mais alto. Saía com ela nas mãos como se fosse um troféu. E caso eu não a alcançasse, derrubava a pedradas mesmo.

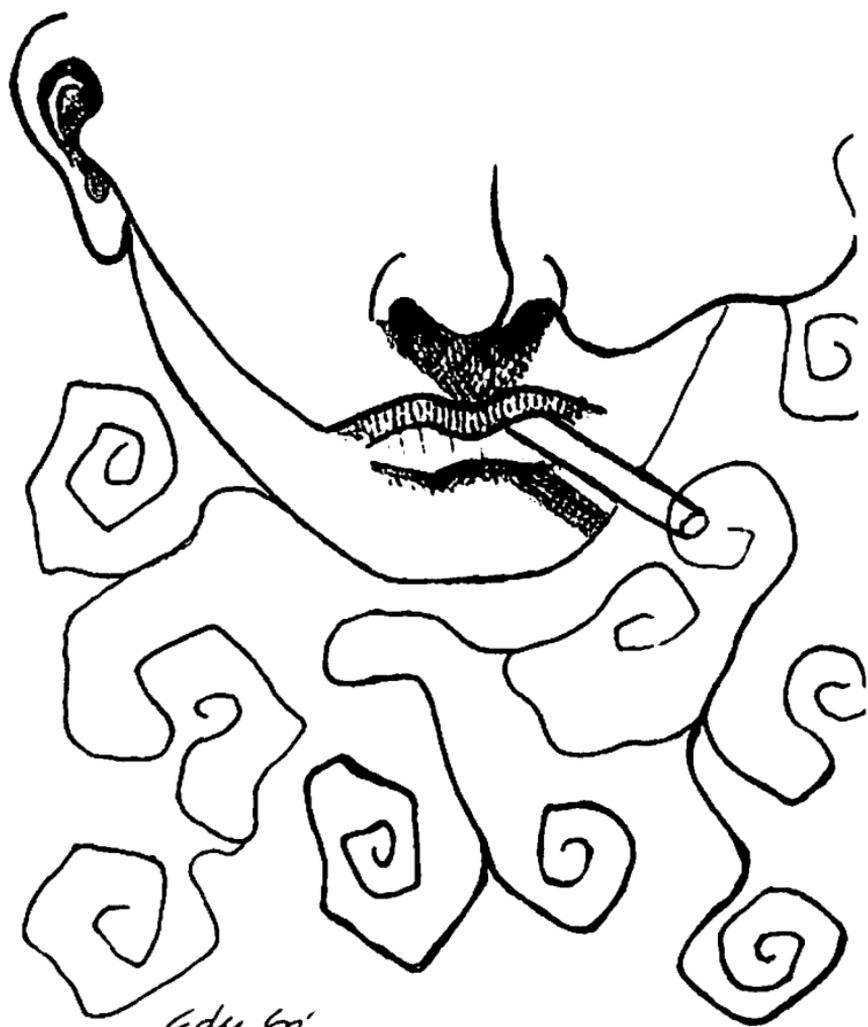
Mas nem tudo são flores neste mundo capitalista, onde tudo muda e muito rápido. Então, eis o dia em que o progresso, digo o

Congresso, não, o concreto chegou à periferia. A cerca deu lugar ao muro. Era mais bonito e seguro. Meu quintal, que era um verdadeiro mosaico verde, começou a se transformar num cinza chato, bobo, sem graça... Tchau, abacateiro; adeus, goiabeira! O jatobá foi morrendo aos poucos. Parece que tinha desistido de viver longe de seus companheiros. Juro que o escutei gritando quando foi cortado, coitado.

E as coisas continuam mudando de uma maneira imperceptivelmente gritante (se a contradição me é permitida). Vemos e fingimos não perceber.

*P.S.* Não falei pra vocês, mas tem um bichinho pelo qual eu era fascinado e não o vejo há muitos anos. Exalava um cheiro inconfundível que era indício de sua proximidade. O aroma não era dos melhores, mas era bom saber que eles estavam ali, por perto. Afinal, alguém pode me responder onde estão as joaninhas? E os soldadinhos, as borboletas, os vaga-lumes?...

*Ulisses Rodrigues Vieira de Souza*



Edu Sa'

## John Goes, Bells

quando john lennon morreu, eu ainda não sabia disso: estava zanzando pelo centro da cidade com um copo de vinho na mão e uma garrafinha quase cheia na bolsa, uma bolsa de pano marrom que me acompanhou por muitos anos.

as ruas estavam cheias de gente fazendo compras, cada loja com o seu papai noel batendo sininhos, suas barrigas de travesseiro, pagando aquele mico pra levantar algum.

a tarde estava quente, mas nublada. talvez ainda chovesse, e aí o arrudas traria mais notícias ruins.

no bolso da minha camisa, o bloco de anotações. na bolsa, alguns exemplares do meu primeiro livro, que eu pretendia vender à noite, nos bares da zona sul.

eu era um poeta marginal, como se dizia, e estava só dando um tempo até a hora de cair na vida. eu não tinha emprego fixo nem móvel nem sabia o que era *free-lance* nem sabia fazer nada que pudesse me dar alguma grana além de

vender meu peixe. (dinheiro que, mal entrava, ia para os bares e sebos do maletta.)

talvez byu ainda aparecesse. ele também tinha feito um livro e às vezes a gente saía juntos vendendo nossa poesia. mas naquela hora ele estava (só mais tarde fiquei sabendo) no cine royal, dando uns amassos em rose.

portanto eu estava de bobeira, tentando acabar com o vinho e buscando inspiração pra um improvável poema natalino. nessa época eles estacionavam caminhões em algumas ruas do centro, vendendo vinho e uva vindos “diretamente do rio grande do sul”. devia ser de péssima qualidade, mas a gente não queria nem saber: era barato e ninguém se incomodava de sair bebendo pelas ruas como se a cidade vivesse uma bacanal permitida.

na galeria ouvidor ouvi uma (*day tripper*), duas (*don't let me down*), três (*help!*) canções dos beatles. quando tocaram *imagine* com aquela tradução babaca da letra, desconfiei que alguma coisa estava errada.

perguntei pro balconista da pastelândia e ele me contou que um filho da puta qualquer tinha

enchido john lennon de azeitonas.

fiquei triste, claro, e aproveitei pra comprar mais vinho.

achei que aquele momento merecia uma atitude de protesto, e por isso sentei nos degraus do pirulito da praça sete com o bloquinho e a caneta nas mãos.

escrevi alguns versos (anos depois publicaria a rima “vôos / beatles”) sobre a morte, mas aquela, em especial, não dava rock.

pouco depois byu chegou com sua namorada. contei pra ele o que tinha acontecido, mas ele já sabia.

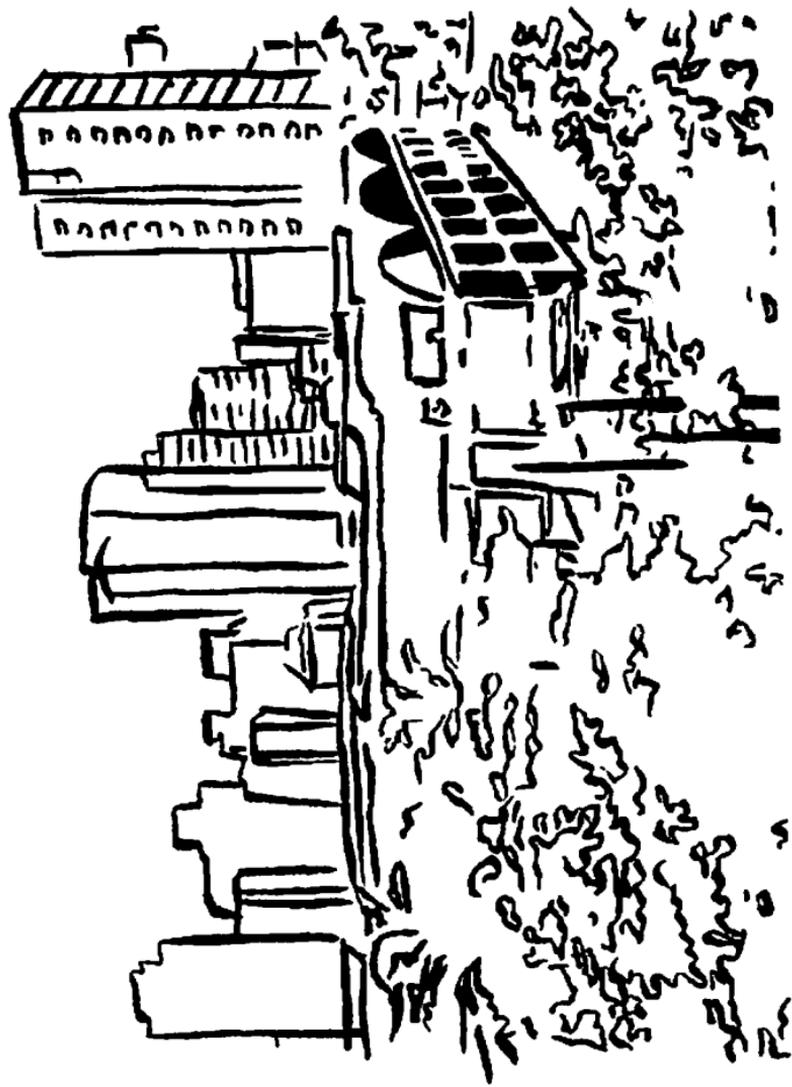
ficamos os três ali, respirando fumaça até escurecer, tentando lembrar todas as músicas dos beatles que conhecíamos. (não eram muitas: esquerdistas de ocasião, quase só ouvíamos mpb.)

quando o vinho acabou, rose foi fazer compras pra sua família e nós dois fomos até a savassi traficar nosso bagulho.

mas aquela foi uma noite ruim de um dia duro:

acabei voltando pra casa mais cedo que o  
normal  
e sonhei que tinha tudo dos beatles  
mas eu não tinha  
nem tenho  
nada  
até hoje.

*Sérgio Fantini*



Mariana Parzewski Neves – Mercado Central

## O mundo num dedal

Nesta época de *shoppings centers* tão parecidos que nos confundem se estamos em São Paulo, Cingapura ou Amsterdã, todos clonados a partir de matrizes norte-americanas que impregnaram o mundo com a mesmice pasteurizada, nada melhor que recuperar o cheiro da terra, o bom e velho gosto das raízes, a cor local, a individualidade. Será que ainda é possível?

Existe um lugar em Belo Horizonte onde se conservam tradições de vida e de consumo, apesar da sedução das bolhas de vidro climatizadas por plantas de plástico. Sob um único teto, encontram-se produtos inexistentes nos *shoppings* sofisticados, dispostos em caos aparente que apenas ressalta a ordem subjacente à engenhosidade humana.

A cara, o paladar, a geografia, a variedade de Minas Gerais se chama Mercado Central e se encontra ali, na Augusto de Lima. Ao andar pelas vielas do prédio, um labirinto que nos leva de uma surpresa a outra, nuvens de odores das flores, das frutas e dos temperos nos atravessam e fundem-se ao dos defumadores contra mau-olhado. Ecumênica

combinação.

Nas bancas, expõem-se artigos estranhos como tripa de carneiro, erva viagra ou vela chama-dinheiro. Consta-se nosso sincretismo religioso na loja que vende imagens do diabo tranca-rua, Santa Catarina, Iemanjá e Santo Antônio.

Ao lado, ouve-se a algazarra de pássaros, cães e gatos, enquanto o perfume do fígado acebolado invade o ar e enche minha boca de saliva. Compra-se todo tipo de queijo produzido no estado: do frescal ao canastra, passando pelo Serro e pelo gorgonzola de São Vicente. Norte, Sul, Leste e Oeste oferecem o que têm de melhor. A profusão de apelos me fascina. Meus sentidos caem na farra.

Também se conhece uma cultura pelos hábitos de consumo. Quanto mais variadas as opções à mesa, mais interessante costuma ser. Para constatar, percorra o Mercado Central e verifique a diversidade de produtos: do artesanato aos remédios populares, do cristal importado da Boêmia aos periquitos australianos. Somos universais em nossa tradição.

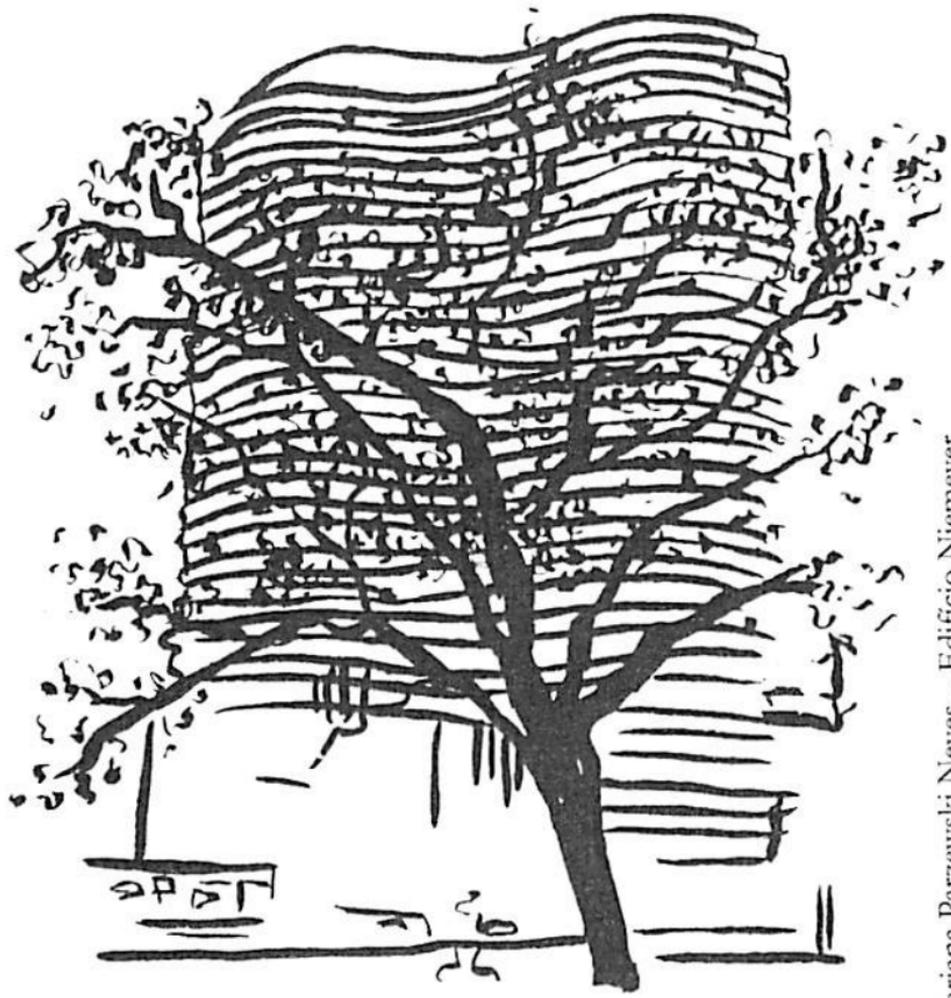
Se as compras não o atraem, vá ao Mercado Central para ver as pessoas. Todos os

matizes da nossa miscigenação o freqüentam. Se quiser penetrar ainda mais na alma da cidade, pare em um dos bares onde o belo-horizontino exhibe o sorriso e o espírito fraternal. Encostado em mesas improvisadas sobre caixas de cerveja, peça uma bebida e uma carne com jiló grelhado. E deixe a conversa rolar.

Dia desses, assim que serviram um sanduíche de pernil ao carregador a meu lado, com alegria genuína, ele me ofereceu um pedaço. Jamais havia me visto. Aceitei de bom grado. Ali perto, um barítono entoava “*Peixe Vivo*”, acompanhado de vozes tímidas que logo se soltaram. Atleticanos e cruzeirenses puseram a rivalidade de lado, os problemas do mundo desapareceram, a fraternidade aconteceu diante da antiga canção e continuou mais tarde, regada a pinga da boa.

Com a tradição e a gente do Mercado Central, Belo Horizonte vai bem, muito bem, obrigado. Mantém a autenticidade que a mesmice pasteurizada destrói mundo afora.

*Luís Giffoni*



Mariana Parzewski Neves – Edifício Niemeyer

## Povos de todo o mundo

Belo Horizonte está em festa pelas comemorações dos seus 110 anos. Entre defeitos e virtudes, a cidade construída para ser a capital de Minas Gerais tem muito a agradecer aos imigrantes que aqui chegaram, trazendo muito de sua cultura na bagagem. Como não reconhecer a contribuição da colônia italiana, que aqui se fixou no início do século XX, formando os bairros Prado e Barro Preto, e fundou o clube Palestra Itália, o hoje consagrado Cruzeiro Esporte Clube?

Foram os italianos que inauguraram na cidade as primeiras grandes padarias, algumas delas depredadas durante a Segunda Guerra Mundial pela fúria dos intolerantes, que preferiam fazer a guerra longe dos campos de batalha. Foi com eles que aprendemos o gosto pelas massas e pelo vinho, e a afinar os ouvidos para o bom-gosto musical. Também introduziram na cidade a arte da marmoraria, que resultou nas esculturas que fazem do cemitério do Bonfim uma galeria de arte a céu aberto, no bairro de mesmo nome.

Não podemos deixar de louvar as contribuições de portugueses, espanhóis, alemães e muitos outros povos que também marcaram presença na história da cidade. Com as comunidades síria e libanesa, que abriram suas lojas no Bairro Lagoinha e na Rua dos Caetés, aprendemos a admirar os tecidos finos e coloridos e a saborear o quibe e a deliciosa esfirra. Com os judeus descobrimos o requinte da ourivesaria e a importância do comércio varejista. Povos orientais também contribuíram com a antiga Cidade de Minas, o que explica o sucesso dos restaurantes de comida chinesa, japonesa, tailandesa.

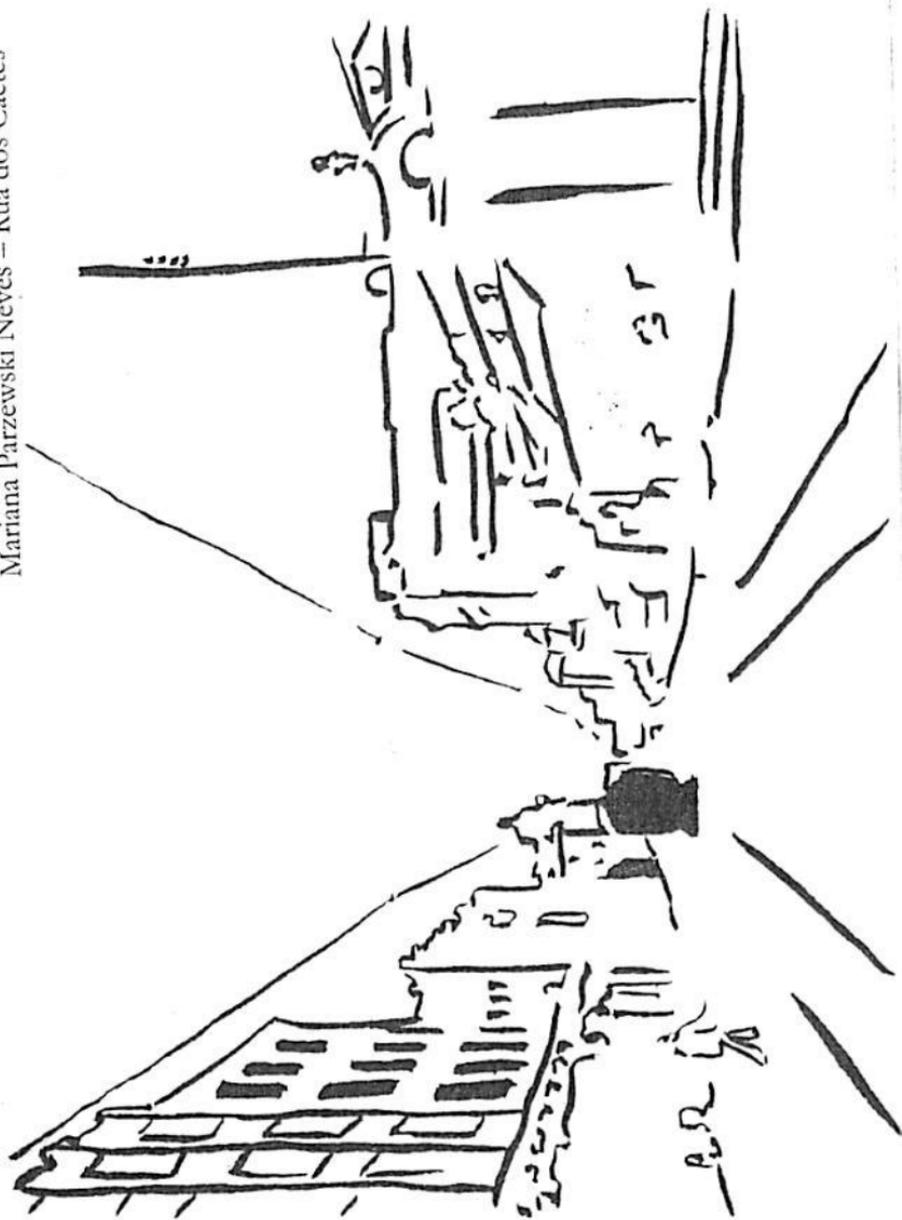
Por sua vez, os ingleses chegaram com a estrada de ferro e exploraram ouro na vizinha Nova Lima. Três gerações de donos da Mina de Morro Velho residiram na fazenda da Jagoara Velha, no município de Matozinhos, onde introduziram a raça de cães Fila Brasileiro. Com os súditos da rainha aprendemos expressões que se tornariam tipicamente mineiras, como “uai” (derivada da interrogação *why?* = por quê?) e “trem”, de *train*, que se refere à locomotiva e seu conjunto de vagões. Mais que isso, aprendemos o nosso jeito aristocrático,

que nos faz desconfiar até mesmo do tempo, o que explica o fato de muitos de nós não sair de casa sem casaco e guarda-chuva.

Com os descendentes dos escravos africanos aprendemos temperos, rezas, crenças, capoeira, congado e folia. Além do samba, naturalmente, pois a cidade sempre teve sambistas, como Rômulo Paes, Jadir Ambrósio, Mestre Conga, Serginho Beagá, Gervásio Horta e as cantoras Dóris, Helena Penna e Eliane Jansen, entre outras “feras” do ritmo. Mas, acima de tudo, há que se louvar também a contribuição dos verdadeiros donos da Terra Brasilis, que por aqui andaram antes dos bandeirantes e cujos nomes batizaram as ruas Aimorés, Caetés, Guarani, Guajajaras, Tamoios, Tapuias, Tupinambás e muitas outras.

*Jorge Fernando dos Santos*

Mariana Parzewski Neves – Rua dos Cactés



## Amando em Belo Horizonte

A Ouro Preto dos sonhos ficara pequena.  
As Minas cresciam e as Gerais despontavam.

Fez-se necessária outra Ouro Preto.  
Vasculharam-se os planos e os mares de morros.  
Escolheu-se um plano entre currais naturais.

Planejou-se sob o pilar da vanguarda.  
Desenhou-se sob a luz das idéias inovadoras.  
Traçados retos, quadrados, triângulos e polígonos.  
Construiu-se a bela capital de distantes horizontes.  
Nasceu assim a Belo Horizonte.

Lugar de gente diversa e barulho de metrópole.  
Tribos modernas em ruas com nomes de índios.  
Carruagens de metal zigue-zagueando.  
Sons diversos ativando a minha mente.

Nesta cidade encontro corriqueiramente um anjo.  
Vamos ao óbvio e vivemos emoções novas.  
No parque municipal esqueço da vida e a olho.  
É o descanso merecido no intervalo da labuta.

São suaves teus braços e doces tuas palavras.  
Teu beijo é meu e teu sorriso me alumia.

Quero que dure a tarde toda.  
Mas a lida me chama e tenho que ir.

Volta comigo para mais uns instantes ficarmos  
juntos.

Então vamos pelos catetos do centro.  
Deixemos as hipotenusas visto que são rápidas  
E eu quero gastar tempo com ela.

Assim descemos a Bahia e subimos a Carijós  
Descartamos a velocidade da Afonso Pena.  
O andar é mais demorado.

A cada passo a vejo.  
A cada pensar a encontro.  
A cada esquina a desejo.  
A cada dia a amo mais  
E assim nos despedimos aos beijos.

*Adriano de Moraes*

## Sobre os autores

### **Adriano de Moraes**

Natural de Campo Belo - MG e residente em Belo Horizonte desde 2005. É Químico e Engenheiro Ambiental e mestre em Geologia. É Analista Ambiental da Fundação Estadual do Meio Ambiente / MG.

### **Adriano Paulino**

Artista de rua e designer. Tem trabalhos publicados em revistas no Brasil, França e EUA. Participou de coletivas na Itália, Brasil e Israel.

### **Bilá Bernardes**

Bilá Bernardes é o codinome de Maria Angélica Bernardes dos Santos. Nasceu em Santo Antônio do Monte em 22/01/1950. Desde 1970, reside em Belo Horizonte, onde trabalha como psicopedagoga. Publicou em várias antologias no RS (XIV e XV Congressos Brasileiros de Poesia), em Belo Horizonte Poetas En/Cena do Belô Poético e o livro *FotoGrafias de DesCasamento*, editora ANOME Livros. 2008. Publica na internet. E-mail: [bilapsi@gmail.com](mailto:bilapsi@gmail.com)

### **Eduardo Sá**

Desenvolve trabalhos em design gráfico e ilustração enquanto gradua-se em Artes-Visuais

pela EBA - UFMG. Segundo ele, tudo pode influenciar seu trabalho. Nas horas vagas gosta de dançar e sair com os amigos.

### **Edward Ramos**

Gestor cultural da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte. Sua trajetória (coordenador de grupo de jovens, presidente de associação comunitária, diretor de teatro e militante da área cultural) foi iniciada com as "peladas" nas ruas do Bairro Urca.

### **Jorge Fernando dos Santos**

Jornalista, escritor e compositor, publicou crônicas no jornal Estado de Minas, algumas reunidas na coletânea "Todo Mundo é Filho da Mãe" (Editora Ciência Moderna).

### **Luis Alberto (Alemão) 8468-8022 9284-5469**

Natural de Contagem, 23 anos gosta de escrever poesias em suas horas vagas, onde retrata sua vida e sentimentos, adora musica e pretende cursar Letras e lançar vários livros de poesias. Inspirado em Shakespeare.

### **Luis Giffoni**

Escritor, escreveu crônicas para jornal O Tempo e tem vários livros publicados, entre eles a coletânea "O Reino dos Puxões de Orelha e Outras Viagens" (Editora Pulsar).

### **Mariana Parzewski Neves**

Graduanda em Artes Visuais com habilitação em pintura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Entre seus trabalhos destacam-se a recuperação das telas do teto da Igreja de Nossa Senhora Abadia de Cristais Paulistas - SP e a participação como desenhista (Equipe de Figurino) da montagem do espetáculo *O Guesa Errante*, 2007.

### **Marília do Nascimento Alcanjo**

Belo Horizonte, Graduada em Serviço Social pela PUC-MG, escreve por paixão. Servidora pública federal desde Outubro de 1987, autora da Cartilha de Higienização: Orientações básicas para higienização em estabelecimentos de saúde Janeiro/2007.

### **Rejane Helena Neves**

Rejane Helena Cravalho Lage Neves, formada em Letras licenciatura plena em língua portuguesa pela UNI\_BH. Ext.universitária em neurolinguística e introdução á semiótica. Atualmente cursa especialização em Língua Portuguesa -Leitura e produção de texto e especialização em Temas filosóficos na UFMG.

### **Ronald Claver**

gostador e gastador da vida. a literatura é uma janela,

um telefone sem fio, uma porta, uma casa, uma comunidade. sou o electricista deste condomínio, às vezes dou choque. às vezes luz. tenho mais de duas dezenas de livros publicados. uns estão por aí, alguns fugiram de mim, outros aguardam na gaveta da memória. faça da palavra escrita meu aprendizado, minha lua, minha cerveja, meu supermercado. visite-me, estou sempre à sua espera no [www.ronaldclaver.com](http://www.ronaldclaver.com).

### **Sérgio Fantini**

É de BH. Um dos coordenadores do 9º Encontro das Literaturas/2008, que acontece em agosto, homenageando as literaturas populares. Este conto foi tirado do livro "A ponto de explodir", lançado este ano.

### **Stela Soares**

Belorizontina, Estudante de Letras da UFMG, poeta e "blogueira" desde os 15 anos. Coleciona pop-cards, chaveiros, joaninhas e Saps. Não tem casa, publicações poéticas e afins. Tem dois gatos: pretume e caramelo com coco.

### **Suziane Carla Fonseca**

Belo Horizonte recebeu Suziane Carla Fonseca em 02/06/1971. Casada e mãe de 2 filhos, formou-se em Comunicação Social/Jornalismo pela PUC-MG

em 1994. Mestre em Literatura pela UFMG, *Estudos Literários*. "Nas Entrelinhas do Espaço: a criança e o velho" em *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto.

### **Ulisses Rodrigues Vieira de Souza**

Natural de Belo Horizonte, tem 23 anos e é aluno do curso de graduação de Letras da UFMG. Imerso no mundo artístico seja por influência familiar ou por anseios próprios, dialoga com a música, o teatro e a literatura.

## **DOAÇÃO**

**De:** Sinhu Editorial  
Seleção e Texto / FALC  
**Em:** 13 / 06 / 2009  
**RS:** 1,00



lela  
e leixo  
o texto

1,99